

CIDADES MÉDIAS: CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA E PERSPECTIVAS ANALÍTICAS

Livia Jordana Assis Pereira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, RN, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES)
liviajordana@hotmail.com

Francisco do O' de Lima Júnior

Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA, Juazeiro do Norte, CE, Brasil; Professor Permanente do PLANDITES-UERN; Professor Permanente do PPGERU-URCA
lima.junior@urca.br

Themis Cristina Mesquita Soares

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, RN, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES)
themissoares@uern.br

Sara Taciana Firmino Bezerra

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, RN, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES)
sarataciana@uern.br

RESUMO

O arrefecimento da metropolização e o surgimento de novas centralidades urbanas, frutos do processo de desconcentração da indústria brasileira, embasaram um profícuo debate sobre a conjuntura urbana nacional e os múltiplos usos do espaço. Diante disso, as cidades médias apresentam-se como um dos principais elementos que permeiam as discussões inerentes à rede urbana do país, sobretudo, no que se refere à sua base epistemológica. Dessa premissa, este artigo tem como objetivo analisar a diversidade conceitual aplicada às cidades médias, sob a perspectiva dos fatores que as caracterizam, bem como, compreender o papel exercido por essas cidades no contexto regional onde estão inseridas. Como método, adotou-se a revisão integrativa, com o corte temporal das duas últimas décadas. Assim, a partir da análise dos dados qualitativos, elaborou-se arranjo teórico multiconceitual e funcional sobre as cidades médias. Outrossim, mesmo em face à pluralidade de sua base conceitual, é consenso entre os pesquisadores que as cidades médias se portam como verdadeiros centros de intermediação entre as pequenas e grandes cidades.

Palavras-chave: Urbanização. Centros intermediários. Diversidade conceitual. Funcionalidade. Polarização.

MEDIUM CITIES: METHODOLOGICAL CONSTRUCTION AND ANALYTICAL PERSPECTIVES

ABSTRACT

The cooling of metropolization and the emergence of new urban centralities, fruit of the deconcentration process of Brazilian industry, supported a debate on the national urban situation and the multiple uses of space. In view of this, medium-sized cities are one of the main elements that permeate the discussions inherent in the urban network of the country, especially with regard to its epistemological basis. Based on this premise, this article aims to analyze the conceptual diversity applied to medium cities, from the perspective of the factors that characterize them, as well as understand the role played by these cities in the regional context where they are inserted. As a method, the integrative review is adopted, with the time cut of the last two decades. Thus, from the analysis of qualitative data, a multiconceptual and functional theoretical arrangement was prepared on the medium cities. Moreover, even in view of the plurality of its conceptual basis, there is consensus among researchers that medium-sized cities are the true centers of intermeditation between small and large cities.

Keywords: Urbanization. Intermediate centers. Conceptual diversity. Functionality. Polarization.

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização no Brasil, sobretudo, a partir das últimas décadas do século passado, tem apresentado uma significativa transformação em seu padrão estrutural. É concernente a essa realidade a pulverização do setor industrial em praticamente todo território nacional. Via de regra, esse novo cenário tem culminado numa dinâmica urbana em que se processa de um lado o esfriamento do fenômeno da metropolização e, do outro, o surgimento de novas centralidades urbanas, com destaque para o papel exercido pelas cidades médias nesse contexto. Com efeito, essas cidades emergem como um dos principais elementos que permeiam as discussões inerentes à rede urbana do país na atualidade.

Em vista disso, esses núcleos urbanos tornaram-se objeto de estudos, promovendo assim, um relevante embate no que concerne à sua epistemologia conceitual. Acerca do debate sobre a construção metodológica e perspectivas analíticas sobre as cidades médias, Catelan (2013, p.22) esclarece que “[...] Em momentos diferentes, vários estudos buscaram compreender o conceito de cidades médias, bem como sua inserção, posição e condição na rede urbana”.

Mediante a complexidade que envolve as especificidades metodológicas e analíticas sobre essas cidades, Sposito (2008, p. 22) destaca que, “se existe um corpo teórico bem definido e bastante difundido sobre a metrópole e os fenômenos da ‘metropolização’, sobre as cidades médias ainda há muito o que fazer [...]”.

Andrade e Serra (2001) reforçam que não existe um consenso na literatura sobre a definição das cidades médias, todavia, ressaltam que o conceito baseado em características demográficas é o mais utilizado. Nessa linha de análise, um aspecto relevante a considerar é destacado por Sposito et al. (2007, p.9), ao esclarecer a diferenciação entre os termos cidade média e cidades de porte médio. Conforme a autora, enquanto este termo refere-se ao porte demográfico, àquele engloba tanto uma variação e amplitude de tamanho demográfico, quanto as funções e papéis que desempenham no contexto das redes urbanas, sobretudo, quando mensuradas em escala regional.

Ademais, é imprescindível reforçar que outros autores consideram como aporte ideal para se definir e/ou compreender as cidades médias, uma base teórico-conceitual consolidada em fatores que englobam tanto os dados demográficos, quanto as características socioeconômicas, tais como: grau de desenvolvimento e urbanização, centralidade, níveis de hierarquia, polarização, entre outros.

Não obstante a essa problemática, via de regra, as cidades médias são postas como centros de intermediação ou de equilíbrio no processo de organização da dinâmica urbana de um território. Exercem importante papel na constituição e no dinamismo das redes urbanas, tanto no que concerne aos aspectos logísticos das comunicações, quanto dos fluxos de informações e de mercadorias (SPOSITO, 2008, p. 22).

Nessa perspectiva, o presente artigo objetiva compreender as especificidades que caracterizam as cidades médias, posto que são elas que embasam a diversidade conceitual aplicada a esses espaços urbanos. Diante disso, para se proceder à construção metodológica e às perspectivas analíticas acerca das cidades médias, será realizada uma revisão integrativa. Recorre-se assim, a um conjunto de produções cujos escopos estão alinhados a esta proposta. Com efeito, este estudo justifica-se pela elaboração de um arranjo teórico multiconceitual sobre os núcleos urbanos intermediários e, com isso, possibilita uma melhor compreensão, bem como, o uso mais adequado aos diversos segmentos de análise.

Quanto à organização, o artigo em tela apresenta além desta introdução, mais três seções. A segunda seção destina-se à descrição do método utilizado na pesquisa. Na sequência, são apontados os resultados e discussões sobre conceitos e classificação das cidades médias, bem como o papel exercido por essas cidades no contexto regional onde estão inseridas. Por fim, a última seção engloba as considerações finais acerca da temática em análise.

MÉTODO

Foi adotado como método a realização de uma revisão integrativa. De acordo com Botelho; Cunha; Macedo (2011, p.133), trata-se de método a “ser escolhido quando se quer realizar a síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado”.

O processo de realização de uma revisão integrativa deve, impreterivelmente, obedecer a uma sucessão de etapas bem definidas. São elas: (i) identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; (ii) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; (iii) identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; (iv) categorização dos estudos selecionados; (v) análise e interpretação dos resultados; e (vi) apresentação da revisão ou síntese do conhecimento (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A primeira etapa desse estudo direcionou-se à definição de um problema e a elaboração de perguntas inerentes à pesquisa. Assim, foi definida a problemática conceitual sobre as cidades médias como o cerne das discussões. No tocante às indagações que nortearam esse processo, foram considerados três relevantes questionamentos: O que são cidades médias? Como as cidades médias são classificadas? Qual o papel exercido pelas cidades médias no contexto regional, dado o seu nível de desenvolvimento?

Uma vez definidas as perguntas norteadoras, foram utilizados os descritores: “cidade”, “conceito”, “urbanização” e “desenvolvimento” para a coleta da produção científica. Cabe salientar que o uso do descritor “cidade”, apesar de englobar todas as categorias a ele inerentes, não proporcionou resultados específicos. Assim, foi necessário o uso do termo “cidade média”, como componente de pesquisa.

Para melhor direcionamento das buscas, foram intercalados entre os descritores os operadores booleanos “AND” e “OR”, usados para associar e/ou delimitar os termos da pesquisa, tais como: cidade média AND conceito e cidade média AND urbanização OR desenvolvimento. Após esses procedimentos, foi realizada efetivamente a busca em três bases de dados de amplo reconhecimento científico: SciELO; Portal de Periódicos CAPES/MEC e o Google Acadêmico.

Na segunda etapa, foi efetuada a identificação das produções incluídas e excluídas nesta revisão integrativa. Como delimitadores da pesquisa, foi determinada a inclusão de publicações apenas no formato de artigos publicados em periódicos alinhados à temática e com Qualis Capes inserida entre os estratos A e B. Foi definido ainda, um recorte temporal correspondente às duas últimas décadas e em língua portuguesa, em virtude de se tratar de um estudo entre os autores do contexto nacional. Por fim, foi montada uma pasta com um total de 215 artigos, correspondentes às três bases de dados utilizadas, conforme distribuição apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das publicações encontradas na pesquisa, 2021.

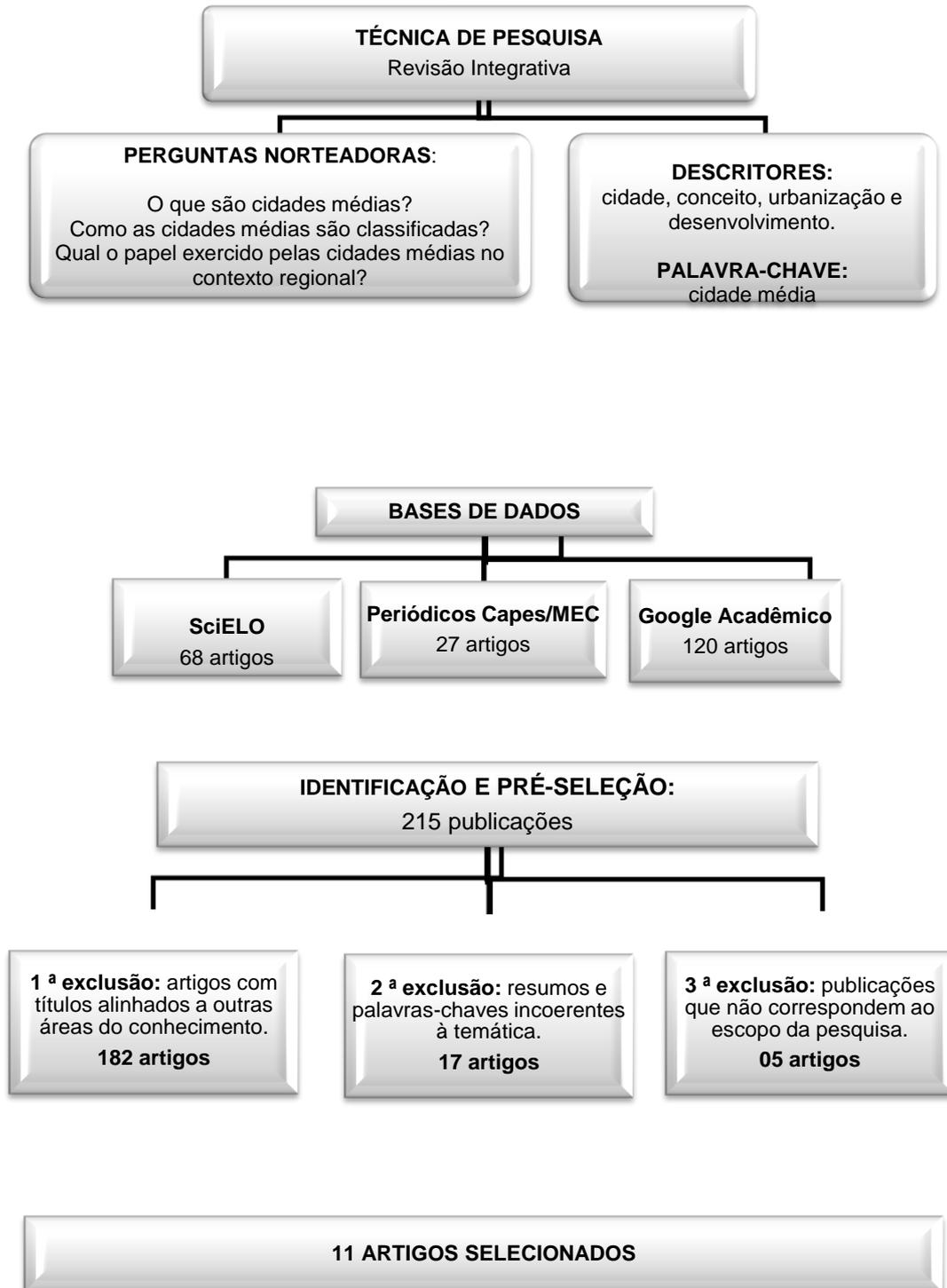
Base de Dados	Quantidades
SciELO	68
Portal de Periódicos da Capes	27
Google Acadêmico	120
Total	215

Fonte - Organizado pelos autores, 2021.

Após a busca dos artigos, foi realizada leitura dos títulos, resumos e palavras-chave para identificar e pré-selecionar as publicações pesquisadas. A partir dos títulos, foram excluídos 182 artigos, visto que estavam direcionados a outras áreas do conhecimento e/ou eram duplicados, restando assim, 33 publicações. Com a leitura dos resumos e das palavras-chave, foram excluídos mais 17 artigos.

Na sequência, foi realizada a leitura integral dos 16 artigos restantes, excluindo novamente mais 05 produções por não corresponderem ao escopo desta pesquisa. Com efeito, chegou-se a um quadro final de 11 artigos selecionados, os quais irão compor a base de estudos da presente revisão integrativa, conforme descrito na Figura 1.

Figura 1 - Revisão integrativa: descrição da realização das etapas, 2021.



Fonte - Organizado pelos autores, 2021.

Na quarta etapa, foi realizada categorização dos artigos selecionados. As dimensões analíticas definidas na matriz síntese (Quadro 1) possibilitaram a apreciação das principais informações inerentes a cada estudo. Por fim, as duas últimas etapas foram destinadas à elaboração de sínteses e recortes sobre os postulados teóricos que irão compor os resultados do texto final desta revisão integrativa.

Quadro 1 - Matriz síntese de identificação dos artigos selecionados para a revisão integrativa, 2020.

Ref.	Título	Autores	Fonte/ Ano	Dimensão analítica
A	O espaço e o lugar das cidades médias na rede urbana brasileira.	SCHERER, C.E. M; AMARAL, P.V.M. do	Revista brasileira de estudos urbanos e regionais.v. 22, E202001, 2020	Dinâmicas espaciais na rede urbana.
B	Urbanização reflexa: a emergência de arranjos urbanos intermediários no Brasil pós-1990.	MIRANDA, Humberto; GOMES JUNIOR, Evaldo.	Eure. v. 43. n.130. 207-234p. setembro/2017.	Funcionalidade na hierarquia urbana; Urbanização reflexa.
C	Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia.	OLIVEIRA, H. C. M. de; SOARES, B.R.	Caminhos de Geografia. Uberlândia, v.15, n.52. p.119-133, 2014	Tipologia; Dinâmicas espaciais na rede urbana.
D	A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil.	STAMM, Cristiano <i>et al.</i>	Interações. Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, jul./dez. 2013.	Evolução e crescimento das cidades médias e da população urbana.
E	Breve discussão sobre o conceito de cidade média	SILVA, Andresa L. da.	Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v.5, n.1, p.58-76, 2013.	Diversidade conceitual.
F	Evolução recente e características do sistema de cidades brasileiras: uma análise tamanho-hierarquia.	MELLO e SILVA, S. B de; SILVA, B. C. N; SILVA, M. P.	Geotextos, v.8, n.2, 13-34p, dez. 2012.	Evolução das cidades médias; Polarização; Tipologia.
G	As cidades médias como núdulos de equilíbrio da rede de cidades.	RAMOS, E. F; MATOS, R. E. da S; GARCIA, R. A.	Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n.121, p.41-61, jul./dez 2011.	Rede de influência; Polarização.
H	São as cidades médias responsáveis pelo espraiamento espacial da riqueza nacional?	STAMM, C; WADI, Y.M; STADUTO, J.A.R.	Revista de desenvolvimento regional. Santa Cruz do Sul, v15, n 2, p. 66-91, maio/ago. 2010.	Evolução das cidades médias; Polarização;
I	Urbanização brasileira: um olhar sobre o papel das cidades médias na primeira década do século XXI.	SANTOS, A.M.S.P.	Estudos urbanos e regionais, v.12, n.2, 103-119p. nov. 2010.	Funcionalidade na hierarquia urbana; Polarização.
J	A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira.	SANTOS, C. D. dos.	Revista brasileira de gestão e desenvolvimento regional. Taubaté/SP, v.5, n.1, p.177-190, jan. /abr. 2009.	Evolução das cidades médias; Funcionalidade na hierarquia urbana; Polarização.
K	Redefinição da centralidade urbana em cidades médias.	OLIVEIRA JUNIOR, G. A. de.	Sociedade & Natureza. Uberlândia, 20(1): 205-220, jun.2008.	Funcionalidade na hierarquia urbana; Polarização.

Fonte - Organizado pelos autores, 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já mencionado, as cidades médias apresentam-se como um dos principais elementos que permeiam as discussões inerentes à rede urbana do país. De acordo com Catelan (2013), o contexto urbano nacional, caracterizado por rápidas mudanças e pela ampliação do nível da complexidade das dinâmicas, promoveu uma diversificação das funções urbanas. Nesse cenário, algumas cidades que já despontavam “como centros em que a produção industrial e a ampliação do comércio e dos serviços públicos e privados passam a gerar ou reforçar atividades que podem redefinir os papéis das cidades nas redes às quais elas são articuladas” (CATELAN, 2013, p.23).

É, portanto, com base na análise dessa conjuntura, que se destacam a complexidade inerente à questão conceitual/classificatória das cidades médias, bem como, a funcionalidade e polarização desses núcleos urbanos em suas áreas de influência. Assim, pretende-se nessa revisão integrativa estabelecer um diálogo entre autores e pesquisadores que se dedicam ao estudo dessa problemática.

Cidades médias: conceitos e classificação

O relevante papel exercido pelas cidades médias no novo contexto urbano-regional do país tem sido o fator embrionário de inúmeras produções científicas, todavia, uma das questões introdutórias nessa senda de estudos encontra-se eminentemente mergulhada no seu fator conceitual. Dentre os artigos selecionados nesta revisão integrativa e, para este viés específico de análise, destacam-se as referências C e E (Quadro 1).

Em conformidade com esses artigos, os autores promovem uma discussão baseada na literatura clássica que aborda esse arcabouço teórico-conceitual, dentre as quais destacam-se: Santos (2005 [1993]); Santos e Silveira (2001); Côrrea (2007); Sposito (2001; 2010); Sposito et al (2007); Amorim Filho e Serra (2001), entre outros. Assim, na busca por um aprofundamento teórico mais consistente, foi necessário, em alguns pontos dessa discussão, uma consulta complementar desses referidos autores, em sua íntegra.

Do exposto, Oliveira e Soares (2014) e Silva (2013) iniciam suas considerações demonstrando o cenário socioeconômico em que se moldou o debate sobre as cidades médias. Com base na leitura de Milton Santos (2005 [1993]), os autores descrevem que o processo de industrialização do Brasil, iniciado a partir dos anos de 1940-1950, conferiu ao país uma base econômica que rompeu com a predominância do nível regional, passando a situar-se em escala nacional. Com efeito, gerou-se a partir daí um processo de urbanização que abrange todo o território e que é sustentado pelo crescimento demográfico das cidades grandes e médias.

Nesse processo, Oliveira e Soares (2014) aportam-se no entendimento de Santos (2005 [1993]) ao esclarecerem que as cidades aparecem como polo de expressão máxima e são elas os espaços que mais crescem demograficamente no Brasil nos últimos 40 anos. Tal crescimento deu-se rumo aos espaços não metropolitanos, indicando um evidente processo de desmetropolização, explicado pelo crescimento das cidades médias, que aumentaram sua participação no total de população urbana no país.

Dado o crescimento e pulverização dessas cidades no contexto urbano nacional, surgiu um relevante debate sobre a definição/conceituação do que seja uma cidade média. Andrade e Serra (2001) apontam que não existe um consenso para esse fim, pois tal esforço varia de acordo com o pesquisador, o critério usado, a região analisada, o país e o período histórico, conforme se observa a seguir.

Sob a ótica de Sposito (2010, p.6) apud Silva (2013, p. 65), as cidades médias,

[...] são aquelas que desempenham papéis de ligação, de intermediação entre as pequenas e as maiores cidades, sem desprezar o tamanho populacional como primeiro nível de análise, pois como já destacado, existe a estreita relação entre quantidade e qualidade das dinâmicas e processos.

Quanto à classificação baseada no tamanho demográfico, Santos (2005 [1993], p.79), oportunamente, destaca a fragilidade desse indicador conceitual, haja vista as mudanças socioeconômicas e estruturais percebidas no cenário urbano nacional ao longo dos tempos. Conforme o referido autor,

[...] Um dos problemas que se apresentam nas ciências humanas é o do uso e interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significado diferente. Nesse sentido, as séries estatísticas são miragens. O que chamávamos de cidade média em 194/1950, naturalmente não é a cidade média dos anos de 1970/1980. No primeiro momento, uma cidade com mais de 20 mil habitantes poderia ser classificada como média, mas, hoje, para ser cidade média, uma aglomeração deve ter população em torno dos 100 mil habitantes. Isto não invalida o uso de quadros estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação (SANTOS, 2005 [1993], p.79).

Não obstante as críticas direcionadas ao uso dos indicadores populacionais para a definição de uma cidade média, Oliveira e Soares (2014) enfatizam que, conforme Corrêa (2007), o tamanho demográfico de uma cidade implica em maior ou menor economia de escala, possibilitando o desenvolvimento, em diferentes graus, das funções urbanas, influenciando as relações externas e internas da cidade. O outro caminho também é válido: o desenvolvimento de novas funções urbanas leva ao crescimento demográfico e à multiplicação de atividades não-básicas, impulsionando novas funções urbanas e alterando as relações internas e externas da cidade.

[...] *quanto* maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, particularmente as funções urbanas, mais fragmentada e, por conseguinte, mais articulada será a cidade. É neste *continuum* que vai de minúsculos núcleos de povoamento às cidades globais, que se inserem as cidades médias, um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intraurbano (Grifo nosso) (CORRÊA, 2007, p. 24-25).

Ultrapassando o viés analítico de base demográfica, Oliveira e Soares (2014) destacam o entendimento de Santos e Silveira (2001) ao afirmarem que essas cidades são pontos de inserção e superposição no território, que variam entre as horizontalidades e verticalidades, funcionando como depositária e produtora de bens e serviços exigidos por ela e por seu entorno.

Nessa mesma perspectiva, Oliveira e Soares (2014) apontam ainda as análises de Deus (2004) sobre a definição de cidades médias, segundo o qual,

[...] o que define uma cidade média é sua função, seu grau de polarização, seus equipamentos de serviços e de lazer e o papel que sua estrutura urbana exerce na região recebendo e emitindo externalidades, ou seja, a cidade média nada mais é que uma cidade com uma população acima da média regional, que exerce uma influência em uma determinada sub-região, com funções que a fazem assumir o papel de polo regional na hierarquia urbana, provendo o consumo produtivo e coletivo da sub-região onde está inserida (DEUS, 2004, p.89).

Corroborando com essa ideia, Silva (2013) destaca que, em conformidade com Soares (1999, p.61), para uma cidade ser classificada como média, é necessário que ela atenda a alguns pré-requisitos, tais como “tamanho demográfico, qualidade das relações externas, especialização e diversificação econômica, posição e sua importância na região e na rede urbana de que faz parte, organização espacial e qualidade de vida”.

No tocante à classificação, Oliveira e Soares (2014) enfatizam Amorim Filho e Serra (2001) que propõem uma categorização dos centros urbanos como cidades médias a partir de cinco atributos. São eles:

- I. Interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional subordinado quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;
- II. Tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; suficientes, sob outro ponto, para desempenharem o papel de centros de crescimento econômico regional e engendrem economias urbanas necessárias ao desempenho eficiente de atividades produtivas;
- III. Capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, por meio do oferecimento de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas;
- IV. Condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização como o espaço rural microrregional que o envolve; e
- V. Diferenciação do espaço intraurbano, como centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido como o das grandes cidades, isto é, por intermédio da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos (AMORIM FILHO e SERRA, 2001).

Outro ponto relevante borda a classificação das cidades médias a partir de seu enfoque funcional. Nessa perspectiva, merece destaque o entendimento acerca das relações de cada cidade média, analisada por Sposito (2001). Conforme a autora, essas relações são percebidas no contexto do mercado regional, que envolve a área de influência dessas cidades, num processo de polarização daquelas de menor porte, resultante da busca por bens e serviços. Ademais, verificam-se ainda essas relações com cidades de maior porte e características similares na rede urbana. Aqui, destacam-se as atividades industriais, assim como, o abastecimento e a distribuição dos mercados local, regional, nacional e internacional (SPOSITO, 2001).

Desse modo, compreende-se que “o consumo de mercadorias e informações possui papel mais importante do que a produção, uma vez que é a partir dele que se dá a estruturação dos fluxos definidores dos papéis intermediários dessas cidades” (OLIVEIRA e SOARES, 2014, p.130). Diante do que foi exposto, os referidos autores organizaram um quadro-síntese que engloba uma proposta de tipologia para as cidades médias (Quadro 2).

Quadro 2 - Tipologia para as cidades médias, 2014.

Tipos	Descrição
Centro de serviços	Cidade especializada em oferecer serviços públicos e privados para a população regional.
Centro administrativo	Cidade que abarca as diferentes instituições políticas e administrativas dos níveis estadual e federal.
Polo econômico	Cidade que desenvolve estratégias nos diferentes níveis (estadual, nacional e internacional) de produção industrial e comercialização em grande escala.
Centro turístico	Cidade que aproveita as potencialidades naturais, o patrimônio histórico e o cultural para promover atividades ligadas ao turismo.
Canal de comunicação	Cidade que utiliza sua localização relativa para servir de espaço de intercâmbio de pessoas, bens e informações.
Centro de fronteira	Cidade que aproveita sua posição geográfica e sua estratégia de desenvolvimento para dominar as relações em áreas de fronteira.
Centro regional	Cidade que concentra o comércio varejista e serviços especializados com alcance regional.
Centro de drenagem e consumo de renda fundiária	Cidade localizada em área pastoril que apresenta um complexo agroindustrial.
Centro especializado	Cidade que apresenta atividades especializadas que permitem estabelecer relações de longa distância, chegando ao nível internacional.

Fonte - Bolay et al. (2003) apud Oliveira e Soares (2014), Corrêa (2007) apud Oliveira e Soares (2014) e *Unión Internacional de Arquitectos- UIA* (1998) apud Oliveira e Soares (2014).

Mediante essa conjuntura, Oliveira e Soares (2014, p.130) ressaltam que não devem ser consideradas como cidades médias, “aquelas que estão inseridas em áreas metropolitanas, pois em função de estarem muito próximas da metrópole, e alguns casos até conurbadas, essas cidades se especializam visando atender às demandas da metrópole”. Os autores destacam ainda que,

[...] uma mesma cidade, dependendo do foco de análise, pode ser classificada como pertencente a mais de um tipo, pois elas não são peças únicas no quebra-cabeça urbano, com funções específicas, mas sim um conjunto complexo de funções, no qual um tipo se sobressai sobre os outros (OLIVEIRA e SOARES, 2014, p.130).

É relevante expor que a classificação de uma cidade média a partir de uma tipologia requer um entendimento mais amplo das suas relações urbano-regionais. Identificar quais atividades existentes nesses núcleos se sobressaem aos demais centros urbanos é crucial para sua qualificação como cidades médias (OLIVEIRA e SOARES, 2014).

Em linhas gerais, percebe-se que, apesar da diversidade conceitual inerente às cidades médias, essas se portam, dentro do contexto territorial onde estão inseridas, como verdadeiros nódulos de intermediação entre os grandes e pequenos núcleos urbanos, atuando, sobretudo, na disseminação do fluxo de população, informações, mercadorias e serviços.

O papel exercido pelas cidades médias no contexto regional

Com relação à análise do papel exercido pelas cidades médias no contexto urbano-regional, tomou-se como base de estudos os artigos de referência A, B, D, F, G, H, I, J, K e L (Quadro 1). Cabe esclarecer que essas produções, cujo foco analítico está voltado para os critérios de evolução, crescimento, polarização e hierarquia das cidades médias, também apresentam discussões sobre a questão conceitual, muito embora estas sejam enfatizadas mais superficialmente. Assim, optou-se por não utilizá-las como fonte de pesquisa para o embasamento teórico do item 3.1.

Isso posto, iniciamos as discussões desse subitem com as análises sobre a evolução das cidades médias no Brasil. Para tanto, utilizou-se como fonte de pesquisa as referências D, F, H e J (Quadro 1). Aqui, destaca-se novamente uma consulta complementar aos clássicos já referenciados anteriormente.

Em conformidade com os apontamentos de Stamm et al. (2013); Mello e Silva; Silva; Silva (2012); Stamm; Wadi; Staduto (2010) e Santos (2009), o processo de intensificação e formação das metrópoles nacionais antecede o movimento de evolução das cidades médias no Brasil. Esse processo causou uma intensa urbanização, baseado na concentração demográfica e econômica, principalmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

A ampliação das cidades médias brasileiras tem início após a década de 1950, num contexto marcado pela redefinição dos núcleos urbanos nacionais, fruto do processo de industrialização da economia brasileira via substituição de importações, motivo pelo qual levou a um intenso fluxo migratório para os grandes centros, moldando, desde então, a rede urbana nacional (STAMM et al., 2013, p.254).

A partir da década de 1970, ocorre um processo de desconcentração econômica e industrial no país, sobretudo, da Região Metropolitana de São Paulo, culminando no crescimento da urbanização nacional. Vários fatores são apontados como os responsáveis por essa urbanização, entre os quais destacam-se as dispersões da indústria e a modernização do campo; e a proximidade das indústrias agrícolas e as novas formas de consumo material e de consumo imaterial que, mesmo sendo um fenômeno geral, teve particular expressão em áreas mais desenvolvidas do país. É, portanto, nesse contexto, que as cidades médias surgem como alternativa de difusão do desenvolvimento econômico do país (STAMM et al., 2013).

De forma geral, com base nas discussões de Stamm et al. (2013); Mello e Silva; Silva; Silva (2012); Stamm; Wadi; Staduto (2010) e Santos (2009), entende-se que a desconcentração industrial, a mobilidade da fronteira agrícola e os investimentos em infraestrutura que integraram o interior do Brasil à dinâmica da economia nacional constituem os principais fatores que contribuíram para a dispersão espacial da população brasileira.

Nesse contexto, as cidades médias apresentam-se potencialmente como condutoras da continuidade dessa desconcentração regional no Brasil, sobretudo, por promover a difusão de atividades mais

modernas por todo território nacional e, conseqüentemente, uma maior distribuição da população no sistema urbano.

Especificadamente, no tocante ao papel exercido pelas cidades médias no contexto urbano e regional do país, utilizou-se como fonte de análise Scherer e Amaral (2020); Miranda e Gomes Júnior (2017); Ramos; Matos; Garcia (2011); Santos (2010) e Oliveira Junior (2008), referências A, B, G, I e K (Quadro 1).

No bojo dessas discussões, os autores acima citados expõem a necessidade de se entender o papel que as cidades médias desempenham em suas áreas de influência, ou melhor, o peso que essas cidades têm nas decisões da sua rede de lugares centrais. Nessa perspectiva, Ramos; Matos; Garcia (2011, p.45) apontam que,

Parece não haver dúvidas quanto ao fato de que, independentemente dos critérios de definição conceitual, as cidades de porte médio têm-se apresentado como importantes espaços no âmbito das redes urbanas. Sobretudo, nos países que experimentam profundas reestruturações internas de seu espaço territorial, elas podem favorecer/potencializar a diminuição de disparidades regionais, contribuindo para a formação de um sistema urbano mais equilibrado, além de oferecerem qualidade de vida a seus habitantes (RAMOS; MATOS; GARCIA, 2011, p.45).

Santos (2010), por sua vez, evidencia o papel das cidades médias como articuladoras internas do território nacional, fato que contribui para o aumento da relevância dessas cidades como agentes do processo de descentralização das políticas públicas. Ainda conforme a referida autora, as cidades médias “se transformam em centros regionais de serviços, dentre os quais se incluem os de formação de mão de obra para as atividades econômicas da região e para a gestão pública, tornada mais importante pela descentralização”. De forma complementar, explica ainda que essas cidades, “tendem a se constituir em núcleos de fornecimento de serviços de utilidade pública, para os quais é necessária escala de produção, a fim de que sejam economicamente viáveis” (SANTOS, 2010, p.106).

Acerca disso, Sobarzo (2009) apud Catelan (2013, p. 72) aponta que,

[...] as cidades médias, na atualidade, caracterizam-se pela função de intermediação na rede urbana, que responde a uma combinação de verticalidades e horizontalidades num jogo de forças globais e locais. Esses vetores e forças se articulam e/ou se contrapõem e definem um espaço de geometria variável, ou seja, não se trata somente de intermediação entre um nível e outro da rede urbana ou entre a cidade e o campo, numa concepção hierárquica rígida, mas trata-se de relações seletivas que conectam pontos específicos, segundo interesses também específicos e instáveis que obedecem a demandas e requerimentos externos.

Conforme entendimento lastreado pelo autor, as horizontalidades referem-se à prestação de serviços que uma cidade média oferece ao seu entorno, culminando em deslocamentos periódicos da população em busca de saúde, educação, comércio especializado, serviços públicos e bancários, entre outros. Quanto às verticalidades, essas são representadas por fluxos externos e hegemônicos, produzidos a longa distância, interferindo assim, “na dinâmica da cidade conectando partes dela com o âmbito global, num processo que responde aos interesses e aos requerimentos da fluidez e da reprodução do capital” (Sobarzo, 2009 apud Catelan, 2013, p. 72).

Para Oliveira Júnior (2008, p.218), a centralidade urbana exercida pelas cidades médias é explicada pelo fato que essas cidades se apresentam,

[...] como espaços privilegiados para o atendimento dessas necessidades de reprodução do capital no momento em que ocorre um processo de descentralização espacial do capital produtivo ou do terciário. Isso porque essas cidades, além de situarem-se em localizações relevantes, possuem requisitos importantes quanto às redes de transporte e comunicação e exercem uma centralidade em nível interurbano sobre determinada contigüidade territorial, atraindo, portanto, consumidores, o que faz com que estes novos investimentos sejam rentáveis economicamente (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p.218).

Para fechar essas discussões, Miranda e Gomes Júnior (2017, p. 216) entendem que as cidades intermediárias, apesar de cumprirem um relevante papel nas hierarquias urbano-regionais do Brasil, seu destaque ainda é ancilar. Fatores macroestruturais e as macrodecisões de investimento engendram uma urbanização reflexa, cujo efeito culmina na sujeição dos arranjos urbanos

intermediários à reprodução de heterogeneidades estruturais e socioespaciais que acabam limitando o papel das cidades médias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre as cidades médias no Brasil remontam à década de 1970, num contexto marcado pela desconcentração econômica e industrial do país e, conseqüentemente, por um crescente movimento de urbanização disperso por todo território nacional. Nessa época, as bases de classificação e identificação dessas cidades levavam em consideração apenas a variável demográfica. No entanto, com o evoluir dos estudos, outros vieses de análise compreendem que, para identificar as cidades médias, devem-se considerar outras variáveis para além do tamanho demográfico. Entre elas, destacam-se a especialização e diversidade econômica, posição e relevância dentro de sua rede de influência, índices de qualidade de vida, relações externas, entre outras.

Isso posto, torna-se evidente que não há um consenso sobre o conceito de cidades médias, muito embora, o fator demográfico seja amplamente levado em consideração por diversos autores e/ou órgãos de competência técnica específica. À exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) recentemente tem adotado como critério exploratório inicial para classificação das cidades médias, “os núcleos urbanos com população residente na faixa de 100 a 500 mil habitantes” (RAMOS; MATOS; GARCIA, 2011, p.44). Destaca-se, ainda, a relevância do papel exercido por essas cidades à sua hinterlândia.

Partindo de uma abordagem mais propositiva, as discussões dispostas neste artigo edificam-se a partir do estudo sobre as cidades médias, sobretudo, no contexto atual da urbanização brasileira. Mediante as análises realizadas, torna-se evidente algumas questões pontuais acerca desses núcleos urbanos. A priori, é uníssono entre os estudiosos a dificuldade de se elaborar um conceito uno para as cidades médias, haja vista, as suas especificidades espaciais, urbanas, demográficas e econômicas.

Quanto ao processo de construção metodológica destinado à definição e compreensão das cidades médias, as análises realizadas neste artigo demonstram a limitação do uso exclusivo do critério demográfico para esse fim. Além disso, ressalta a necessidade de incorporação de outros vieses analíticos, a exemplo do papel que essas cidades exercem no cenário das redes urbanas e, conseqüentemente, na sua área de influência.

Por fim, o presente artigo nos remete a uma imprescindível e constante reflexão sobre as cidades médias, posto que essas assumem, na atualidade, uma posição de destaque na engrenagem urbana do país. Apesar de ser um exercício complexo, as análises sobre esses núcleos urbanos são fundamentais para uma construção conceitual e metodológica robusta. As cidades médias atuam como verdadeiros núcleos intermediários entre as metrópoles e as pequenas cidades. De um lado, absorvem os excedentes demográficos, econômicos e industriais dos grandes centros e, por outro, assumem funções de suprimento imediato às necessidades dos núcleos urbanos de menor porte. Com efeito, tal relevância adicionada à heterogeneidade do cenário urbano nacional impõe um exercício mais complexo quanto ao seu processo analítico e de construção metodológica. Nesse cenário, a análise de todas as especificidades inerentes a essas cidades deve ser condição *sine qua non*.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no Planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Orgs.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro; IPEA, 2001. p.1-34. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo1_evolucao.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.
- ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Orgs.). O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro do período de 1970-2000. In: **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro; IPEA, 2001. p. 129-169. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo4_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte. v. 5, n 11, p. 121-136. Maio/ago. 2011.

Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220/906>. Acesso em: 10 jun. 2020. <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana**: interações espaciais interescolares e cidades médias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p.294.

CORRÊA, R.L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

DEUS, J. As cidades médias na nova configuração territorial brasileira. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 24, n. 1-2, p. 81-91. Jan./jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4135/3638>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MELLO e SILVA, S. B. de; SILVA, B. C. N.; SILVA, M. P. Evolução recente e características do sistema de cidades brasileiras: uma análise tamanho-hierarquia. **Geotextos**, v.8, n.2, p.13-34, dez. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12242/1/AAAAAAAAAAAAA.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MIRANDA, H.; GOMES JUNIOR, E. Urbanização reflexa: a emergência de arranjos urbanos intermediários no Brasil pós-1990. **Eure**. v. 43. n.130. p. 207-234. Setembro/2017. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?frbrVersion=2&script=sci_arttext&pid=S0250-71612017000300207&lng=en&tlng=en. Acesso em: 11 jun. 2020. <https://doi.org/10.4067/s0250-71612017000300207>

OLIVEIRA JUNIOR, G. A. de Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, 20(1): 205-220, jun.2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sn/v20n1/a14v20n1.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132008000100014>

OLIVEIRA, H. C. M. de; SOARES, B.R. Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v.15, n.52. p.119-133. Dez/2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23678/15964>. Acesso em: 25 maio 2020.

RAMOS, E. F.; MATOS, R. E. da S; GARCIA, R. A. As cidades médias como nódulos de equilíbrio da rede de cidades. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba (PR), n.121, p.41-61, jul./dez 2011. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/cidades-m%C3%A9dias-como-n%C3%B3dulos-de-equil%C3%ADbrio-da-rede-de-cidades>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SANTOS, A.M.S.P. Urbanização brasileira: um olhar sobre o papel das cidades médias na primeira década do século XXI. **Estudos urbanos e regionais**, v.12, n.2, p.103-119. nov. 2010. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/256/240>. Acesso em: 11 jun. 2020. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2010v12n2p103>

SANTOS, C.D. dos. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista brasileira de gestão e desenvolvimento regional**. Taubaté/SP, v.5, n.1, p.177-190, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/188/149>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5^o ed. São Paulo: EDUSP, 2005 [1993]. 174p.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.

SCHERER, C. E. M; AMARAL, P. V. M. do. O espaço e o lugar das cidades médias na rede urbana brasileira. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v.22, E202001, 2020. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5987/5288>. Acesso em: 11 jun. 2020. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.RBEUR.202001>

SILVA, A. L. da. Breve discussão sobre o conceito de cidade média. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**. Maringá, v.5, n.1, p.58-76, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49203/751375140372>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SOARES, B.R. Repensando as cidades médias no contexto da globalização. **Revista Formação**. Presidente Prudente, n. 6, p. 55-63. jan./dez 1999. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/1167/1168>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SPOSITO, M. E. B. et al. Um estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____ (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP/FCT, 2001. p. 569-607.

_____. Desafios para o estudo das cidades médias In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LA RED IBEROAMERICANA DE INVESTIGADORES SOBRE GLOBALIZACIÓN Y TERRITÓRIO, 11, 2010. **Anais ...** Mendoza: UNCUYO - Universidad de Cuyo, 2010. p. 01-18.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. 161p.

STAMM, C. et al. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, jul./dez. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/inter/v14n2/a11v14n2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

<https://doi.org/10.1590/S1518-70122013000200011>

STAMM, C.; WADI, Y. M.; STADUTO, J. A. R. São as cidades médias responsáveis pelo espraiamento espacial da riqueza nacional? **Redes: Revista de desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, v15, n 2, p. 66-91, maio/ago. 2010. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/1019/1526>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Recebido em: 16/04/2021

Aceito para publicação em: 07/02/2022